METROPOLE

21 ABR 2022

WWW>METRO1>COM>BR

Marcas da fome

Legado da pandemia, escalada inflacionária e desmonte das políticas públicas fazem retornar pobreza extrema no país. Em Salvador, voltou a ser comum ver pedintes em sinaleiras e ônibus. ***Págs. 4 e 5***

São Salvador: Chove e Falta Água

James Martins

Diferentemente do que diz a propaganda oficial (e com tanta eficácia que convence até a gente mesmo) chove muito em Salvador. Chove mesmo, pode reparar. Por incrível que pareça! Todo ano chove muito e todo ano é como se esse chover muito fosse uma novidade. Como algo que está acontecendo, estranhamente, pela primeira vez. A gente só se lembra do sol, do verão, da praia, da música com jeito de jingle. Apenas isso explica que a cada chuva a cidade de papel se revele como pega de surpresa. Agora, por exemplo, basta uma olhada rápida nos noticiários para a gente ver que aquela obra de recapeamento asfáltico que tanto transtorno causou ao trânsito não previu o efeito sonrisal e já tá tudo desmantelado pela chuva que cai há quase uma semana. Bom, uma ressalva precisa ser feita: desde que prefeitura e governo do estado passaram a disputar quem faz mais encostas, diminuíram bastante (veja bem, diminuíram, não acabaram) as tragédias relacionadas a esse tipo de desabamento. Então, que prossiga a disputa. Porém, como pobre parece fadado a sofrer, a onda agora é ficar sem água debaixo de chuva. O povo do Pero Vaz, da Liberdade, do IAPI, da Santa Mônica etc está cansado de só ter de seco a torneira, a garganta, o vaso sujo, o chuveiro.

Pior que o paradoxo de não ter água enquanto sente medo da chuva, é o desrespeito da Embasa, que corta o fornecimento sem nenhum aviso prévio. Tenho uma amiga que mora em Sete de Abril. Ela diz que antes contabilizava o sofrimento assim, pra se organizar durante o ano: a falta d'água na primavera/verão, o pânico do desabamento no outono/inverno. Agora, é tudo de uma vez pra ver se o coração suporta. O fato é que explicação não tem, pois se o caso é chuva para encher as barragens, até mesmo o último verão foi bastante chuvoso. Então, a Embasa usa a desculpa das obras de manutenção, que sempre se estendem além do prazo informado. E para amenizar a incompetência em colocar água direto na tubulação, a empresa pede que a população dos locais atingidos solicitem (e por que não mandam logo?) abastecimento por carros-pipa. Agora, me diga se não seria engraçado um carro-pipa indo levar água debaixo de chuva e, pior, ficando preso na cratera que se formou no meio da rua? Diante de situações assim, a que infelizmente estamos já nos acostumando, é inevitável apelar à velha frase do ex-governador Octávio Mangabeira: "Pense num absurdo, na Bahia tem precedente".

Há uma música de Djavan em que o compositor pergunta: "Sabe lá o que é morrer de sede em frente ao mar?". Ali a contradição se explica ao menos pela água salgada. Já aqui em Salvador, numa época em que a dessalinização é cada vez mais realidade, a Dona Embasa está mostrando a muita gente o que é morrer de sede debaixo de chuva. E ainda tem quem ache as letras de Djavan nonsense. Chuuuuupa!

foto do leitor/divulgacao

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Gabriel Amorim, Geovana Oliveira, Luciana Freire e Rodrigo Daniel Silva**
Revisão **André Uzêda e Redação**
Comercial **(71) 3505-5022**

comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226Pernambués CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

1.400

VAGAS EM UNIDADES DE ACOLHIMENTO

MUDAM A VIDA DAS PESSOAS

Por toda a cidade, podemos encontrar grandes números do trabalho da Prefeitura. São centenas de escolas, milhares de novas moradias, quantidade recorde de novas vagas em casas de acolhimento. Mas o que mais importa é que todos esses números significam também milhões de novos sorrisos e vidas transformadas, porque quando a gente muda a cidade, muda a vida das pessoas.

"Tenho fome"

Avanço desmedido da miséria social transformou a paisagem dos grandes centros do Brasil. Em Salvador, ver pessoas pedindo comida virou uma constante em diversos pontos da cidade

Foto 1 e 6: Moradores em situação de rua no viaduto do Aquidabã
Foto 2: Homem pede comida na porta de delicatessen, no Garcia
Foto 3 e 5: Famílias estão se abrigando no viaduto São Raimundo, no Politeama
Foto 4: Tendas montadas no passeio do Largo da Sete Portas

Fotos **Manuela Cavadas**
Texto **Geovana Oliveira**
geovana.oliveira@radiometropole.com.br

Lentamente um cenário é desmontado. Tiram-se as máscaras, caem os decretos emergenciais, leitos hospitalares deixam de ser exclusivos para a Covid-19 e já não há filas quilométricas para a vacina.

Mas algo permanece. Debaixo das marquises, o número de pessoas aumenta. Nos ônibus e nas ruas, é recorrente o pedido por comida. No novo contexto, a fome e a pobreza são mantidas como um legado da pandemia.

"Nós temos dois restaurantes populares e neles tivemos que aumentar a nossa oferta de alimentação de 700 para 1000 refeições diárias", disse Kiki Bispo, que deixou a secretaria municipal de Combate à Pobreza na última segunda-feira.

Apesar da falta de dados recentes — a última pesquisa foi feita pelo IBGE, em 2019 —, gestores e movimentos sociais apontam os sinais do empobrecimento no país nos últimos dois anos.

Na capital baiana, de acordo com Kiki, mudou ainda o perfil de quem buscava o serviço dos restaurantes populares. Se antes, a maioria era de pessoas em situação de rua, agora trabalhadores autônomos e desempregados também passaram a ocupar as filas.

As procuras por cestas básicas nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) também cresceram na Bahia, conforme a superintendente de Assistência Social da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, Leisa Sousa.

"A gente vem monitorando o volume de atendimentos que o CRAS vem fazendo. Todos os municípios repassam os dados. Quando a gente comparou os dados de 2021 para 2020, a demanda por benefício eventual, como cesta básica ou auxílio moradia, que garantem a sobrevivênciacresceu mais que 50%", conta.

São 3,6 milhões de famílias baianas inscritas no CadÚnico, registro do governo para acompanhar pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza. Destas, mais de 2 milhões recebem o Auxílio Brasil (antigo Bolsa Família). Desde 2020, mais 500 mil pessoas fizeram o cadastro.

"No nosso estado, a gente tem o maior número de famílias em situação de extrema pobreza [dado de 2019], o Auxilio Brasil tem a identificação pelo CadÚnico, que tem faixas de família em extrema pobreza, pobreza e vulnerabilidade social. A grande maioria, acho que 80%, é de extrema pobreza", diz Leisa Sousa.

Apenas nos três primeiros meses deste ano, mais de 50 mil famílias de Salvador se cadastraram no CadÚnico para receber o benefício.

A massoterapeuta Taciane Silva, de 28 anos, constata os dados na rotina. Trabalhando na Pituba e morando em Pau da Lima, Taciane viaja diariamente de ônibus. Após alguns meses de pandemia, começou a perceber o aumento de pedintes e de vendedores no transporte público. Em geral, com uma mesma história: perderam o emprego durante a quarentena e não conseguem mais se sustentar.

"Se eu pegar um ônibus por dia, pode ter certeza que vai entrar 3 ou 4 com a mesma fala — que precisa ir para a rua porque não consegue comer. Tinha um homem que estava pedindo ajuda e até biscoito, bolacha, o que tivesse ele estava aceitando, porque estava com fome. A menina que estava no ônibus deu a marmitinha dela para ele", conta.

Desemprego e inflação tem levado pessoas às ruas. O custo da cesta básica aumentou 48,3% em três anos

PARCEIROS E A INFLAÇÃO

De acordo com a Defensoria Pública do Estado, durante a pandemia, muitas pessoas que perderam seus empregos passaram a desenvolver atividades informais, como catar recicláveis, ou vender picolé e balas. Mas apesar de terem um local para onde voltar, se mantiveram nas ruas por não ter comida em casa, dinheiro suficiente para pagar transporte ou mesmo por vergonha de voltar de mãos vazias.

Quem não consegue auxílio, muitas vezes se encaixa em outra estatística: o aumento de furtos por fome, chamados de 'furtos famélicos'. Segundo levantamento da DPE, entre 2017 e 2021, o número de pessoas enquadradas pela Justiça nesta tipificação subiu de 11% para 20%.

"A gente percebeu que aumentou gritantemente o número de pessoas em situação de rua. Não tem dados sobre isso porque infelizmente a Pop Rua vive num apagão estatístico. Então, a gente não sabe quais são os números reais . De forma experimental, vemos que o desemprego é o principal fator", diz o presidente da ONG 'Salvador Invisível', Lucas Gonçalves.

De acordo com o estudante de direito, que atua com a população de rua, basta dar uma volta no Largo dos Mares e na Djalma Dutra para perceber a nova realidade. "A Djalma Dutra é interessante porque antes da pandemia eu andava muito por lá e tinha diminuído o número de pessoas nesta região. Ano passado, a gente foi fazer entrega, e dobrou o número de pessoas. Se antes tínhamos que mandar 20 quentinhas, agora mandamos 40 ou mais", conta. Os voluntários da ONG 'Seja Semente', que atua há sete anos em Salvador, relatam situações semelhantes.

"Mudou muita coisa. Nas últimas semanas, a gente tava levando 200 marmitas, mas já tem duas ações que acabam ficando pessoas na fila, principalmente no Fórum, sem comer", conta Andressa Borges, de 27 anos.

O número de doadores também diminuiu, à medida que os preços para a cesta básica e as quentinhas aumentaram.

"Está tudo muito caro. O que a gente comprava antes de 20 kg de frango por R$ 200, hoje em dia é R$ 500 ou R$ 600. Gastamos R$ 1.600 em uma ação. E tinham pessoas que eram nossos voluntários, ajudavam, e hoje já não podem mais — porque sabemos que o custo de vida é muito caro", conta Andressa.

De acordo com a superintendente de Assistência Social, a culpada pelo empobrecimento não é apenas a pandemia. A inflação também afeta diretamente a vida dos brasileiros. O IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) indica uma inflação de 10,06% em 2021.

"A gente já vinha num processo [de ampliação da extrema pobreza] crescente com a crise que o país vem vivenciando — o desemprego, a redução de investimento federal na assistência social", afirma Leisa Souza.

De acordo com ela, mesmo que as famílias tenham hoje a possibilidade de receber o Auxílio Brasil, elas têm menos condições de fazer uma boa alimentação por causa do aumento de preços. O custo da cesta básica aumentou 48,3% em três anos.

"Esse recurso deveria garantir uma boa alimentação. Mas voltamos ao mapa da fome", conclui.

Tempo de pescaria

Antes da campanha começar, principais chapas ao governo da Bahia mergulham no interior do estado para fisgar prefeitos fora da base e enfraquecer adversários

Texto **Rodrigo Daniel Silva**
rodrigo.silva@metro1.com.br

Era final de março, quando o prefeito da pequena cidade de Gongogi, no sul da Bahia, Adriano Mendonça, do PSD, subiu no palanque do governador Rui Costa e bradou: "Pode ter certeza que, se Gongogi for agraciada, o senhor vai ter um soldado honesto ao seu lado. Um soldado que vai lutar 24 horas por dia para fazer Jerônimo Rodrigues governador desse município e da nossa Bahia".

O discurso veemente perdeu ressonância, no entanto, menos de um mês depois — exatos 24 dias. Adriano Mendonça subiu novamente em um palanque, mas, desta vez, do pré-candidato do União Brasil, ACM Neto. Sem qualquer constrangimento na 'virada de folha', acusou o governo Rui de usar a "máquina pública para correr atrás de votos". "Tem de abraçar o povo nos quatro anos da administração e não às vésperas das eleições. Agora não adianta prometer mais nada", disse ele.

Rui reagiu com ironia: "Só posso dar risada e achar engraçado". A disputa pelo Palácio de Ondina neste ano virou uma corrida ferrenha pelos prefeitos. Os candidatos a governador fazem questão de divulgar os apoios que receberam de gestores municipais de partidos adversários. O embate pelo valorizado "passe" envolve conversas, promessas de obras, caso eleito, e muita troca de farpas.

ACM Neto diz que o governador tem prometido até "pedaços de terra na lua" para ter os apoios, e aposta que, após a torneira de recursos estaduais fechar, haverá uma migração de administradores municipais para sua base política. Pela lei eleitoral, fica vedada o investimento em obras públicas até três meses antes do pleito.

"Vai vir muito prefeito do PT para cá, para o nosso lado. Nós vamos ganhar essa eleição no primeiro turno", disse o aliado do ex-prefeito soteropolitano, João Leão (PP), que é pré-candidato a senador.

Neto já anunciou ter apoio de, pelo menos, três prefeitos de siglas oponentes.

Além de Adriano Mendonça, estão na lista: Adilson Leite (Avante), de Jandaíra, e Dr. Adriano (PSB), de Mundo Novo. Antes de o PP migrar para a sua base, ACM Neto também divulgava apoio de gestores desta legenda. Agora, são os governistas que declaram que os prefeitos do PP estão fechados com Jerônimo, mesmo após o rompimento político da sigla com o grupo.

Um dia depois de Leão deixar a base de Rui, o governo informou que quatro prefeitos do PP participaram de um evento do governador em Almadinha, no sul baiano. Estavam presentes: Juraci, de Barro Preto; Jadson Albano, de Coaraci; Dr. Marival, de Nova Canaã e Paulo Rios, de Itororó. Era uma demonstração de que o ala governista se mantinha forte, com apoio de prefeituras, apesar do racha.

Além de pepistas, a campanha de Jerônimo Rodrigues também divulgou apoios de prefeitos da base de ACM Neto, como Keinha de Jesus (PDT), de Araci, e Nandinho da Serraria (PSDB), de Esplanada. Do PL, partido do pré-candidato João Roma, também fisgaram Mauro Vieira, da cidade de Anguera.

BASE DE APOIO

O cientista político e professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Maurício Ferreira Silva, explica que o "passe" dos prefeitos é valorizado na campanha porque eles são o principal elo entre os candidatos a governador e os eleitores.

"Os candidatos do Executivo estadual ou federal podem chegar diretamente ao cidadão. Não tem problema. O problema é ele manter essa base fora da alçada da Câmara de Vereadores e da Prefeitura. Não é impossível, mas é mais difícil. Quando você tem uma base partidária, um grupo de apoio, dentro daquele município, que dialoga com os poderes locais, se consegue ter a pujança de um movimento político dentro da localidade. Se não tiver isso, fica uma coisa esporádica e ocasional. As candidaturas tendem a ir esfriando e perdendo força. Quem faz a campanha são os militantes que já estão no município. Não é estrutura que surge do nada. Essa militância, esse poder local é que consegue dar o dinamismo e visibilidade às campanhas", disse ele.

Na semana passada, o governador Rui Costa, em entrevista à **Rádio Metrópole**, admitiu que tem se empenhado para atrair prefeitos. "Estou atendendo prefeito atrás de prefeito. Semana passada, eu fiquei até duas da manhã atendendo prefeito", revelou. "A minha mulher diz: 'ele não trabalhou tanto em 2014 e 2018 como está trabalhando agora. De fato, eu estou. Quando você não é candidato, eu não tenho agenda de candidato, dá mais tempo para você trabalhar na articulação, na preparação. Ouve mais e articula mais. Agora, estou botando candidaturas nas principais cidades onde está vazio para preencher e fortalecer a chapa", acrescentou.

> **Se Gongogi for agraciada, o senhor vai ter um soldado honesto ao seu lado. Um soldado que vai lutar 24h por dia**
>
> **Adriano Mendonça**
> prefeito da cidade, 24 dias antes de virar a folha e migrar para o adversário

Estima-se que, para garantir os apoios nas localidades a campanha de Jerônimo Rodrigues, o governo estadual tenha liberado cerca de R$ 1 bilhão em convênios.

O cientista político e professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Cláudio André, ressalta que ter o maior número de prefeitos, por si só, não garantirá uma vitória eleitoral. "Mas é um dos indicadores de viabilidade eleitoral, já que aumentam as chances de as lideranças trabalharem efetivamente pela vitória do candidato ao governo. Por conta do federalismo brasileiro assegurar pouca capacidade das prefeituras em gerar investimentos, qualquer prefeito sabe o peso decisivo para a sua gestão ter um governador aliado, logo, há um envolvimento dos prefeitos de olho no cálculo político para a reeleição ou eleger um sucessor dois anos depois", analisou.

Mas o apoio do prefeito é capaz de mudar o voto do eleitor? "No geral, a ciência política comprova a prevalência do prefeito como uma das principais lideranças na definição do voto. Ainda mais em estados como a Bahia, onde uma parte significativa dos municípios são pequenos e vivem dos recursos do Poder Executivo", diz Cláudio André.

Maurício Silva ressalta ainda que muitas vezes o gestor municipal "trai" o candidato a governador do seu partido. "O apoio não é automático, porque o interesse local pode se sobrepor ao interesse político dos partidos", pontua.

Medo duplo da lista tríplice

Comunidade acadêmica escolhe novo reitor em maio, em processo cercado por duas incertezas: a ação de Bolsonaro e o silêncio de uma das chapas sobre não constar na relação final, caso seja derrotada

Texto **Gabriel Amorim**
gabriel.amorim@radiometropole.com.br

Para cerca de 54 mil baianos, a ida às urnas vai chegar mais cedo. Antes de decidir sobre o futuro dos cargos políticos do Brasil, a comunidade acadêmica da Universidade Federal da Bahia (Ufba) será ouvida sobre o que deseja, entre os dias 24 e 25 de maio.

Em dois dias, será escolhido o próximo reitor da instituição, que ocupará o cargo no quadriênio 2022-2026. Duas chapas estão oficialmente inscritas.

Segundo dados mais recentes, do levantamento da própria Ufba, são 3.074 técnicos, 2.748 professores e 48.525 estudantes, entre alunos de pós e de graduação. Cada um dos três grupos tem um voto de mesmo peso para indicar a vontade da comunidade acadêmica sobre a direção da universidade.

A votação, no entanto, não representa uma eleição direta, mas apenas uma indicação. A decisão final cabe ao presidente Jair Bolsonaro (PL) e é aí que tem estado a preocupação de muitos dos envolvidos na consulta que se aproxima.

É que para escolher, Bolsonaro receberá a chamada lista tríplice, com três conjuntos de candidatos a reitor e vice-reitor,

sandra travassos/metropress

além da indicação daqueles que foram os mais votados pela comunidade.

O presidente, contudo, pode nomear livremente qualquer um dos nomes da lista. Há uma tradição de sempre escolher o mais votado pela comunidade acadêmica, mas, desde que se tornou chefe do Executivo, Bolsonaro vem modificando o modelo. Das 50 nomeações já feitas pelo atual presidente, 19 — ou cerca de 40% — não foram direcionadas aos primeiros colocados da lista.

A última vez em que a tradição foi desrespeitada foi em 1998, durante o governo de Fernando Henrique (PSDB). Até o fim de seu mandato, Bolsonaro ainda nomeará outros 13 reitores, incluindo o da Ufba, cuja posse ocorrerá no meio deste ano.

A Universidade Federal da Bahia foi citada nominalmente no governo Bolsonaro quando Abraham Weintraub era ministro da Educação. Á época, em 2019, ele classificou a instituição como exemplo de "balbúrdia" e ameaçou contigenciamento de verba.

OUTRO MEDO

Se a decisão do presidente Jair Bolsonaro é imprevisível e preocupa, outras tradições também podem ser desrespeitadas neste processo eleitoral.

Como a eleição realizada com a comunidade tem apenas caráter de consulta, a lista tríplice é montada pelo colégio eleitoral oficial da Ufba, composta, segundo informações da própria universidade, pelos membros do Conselho Universitário (Consuni) e do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe).

Historicamente, após a consulta à comunidade, apenas a chapa vencedora da eleição é inscrita na lista, completada com outros nomes, decididos pelos conselhos.

As chapas que participaram da consulta e não saíram vitoriosas acabavam por abandonar a disputa como forma de respeitar a vontade da comunidade. Neste ano, segundo apurou o **Jornal da Metropole**, membros da Ufba estão preocupados que a tradição não seja respeitada.

Cabeça da chapa 1 — 'Somos Ufba Sempre' —, o atual vice-reitor Paulo Miguez, afirmou que não pedirá a inclusão de seu nome e nem seu candidato a vice, o professor Penildon Silva Filho, na lista tríplice caso não saia vitorioso da eleição.

"A nossa chapa só aceitará integrar a lista se vencer a consulta. Nosso objetivo não é estar na lista, mas representar o desejo da comunidade da universidade", afirmou em entrevista a **Rádio Metropole**.

Não há certeza, no entanto, de que a mesma postura será tomada pelos membros da Chapa 2, o que preocupa integrantes da comunidade acadêmica.

A Chapa 2, batizada de 'UFBA Inclusiva e Diversa em Defesa da Ciência e da Vida' é emcabeçada pelo professor Fernando Conceição, da Faculdade de Comunicação.

Ele está acompanhado do professor André Gusmão Cunha, que teve sua candidatura a vice-reitor deferida na última terça-feira, depois que a primeira candidata ao cargo na chapa, a professora Bárbara Carine Soares, desistiu de concorrer.

Toda a instabilidade em volta da candidatura tem gerado preocupações na comunidade. O professor Fernando Conceição foi procurado diversas vezes pela reportagem nos últimos dias para comentar suas propostas e falar sobre seu compromisso em respeitar a lista, mas não atendeu aos contatos.

Sem a certeza que a tradição será cumprida, a comunidade acadêmica se prepara para o novo pleito, em um cenário de corte de verbas e ataques constantes do governo federal.

tacio moreira/metropress

Ufba vem perdendo receita há sete anos

Para além de todas as incertezas que tem rondado cada uma das fases do processo de escolha do novo reitor, o desafio de dirigir a Ufba preocupa qualquer candidato ao cargo. Acusada publicamente de 'balbúrdia' na gestão de Bolsonaro, a instituição vem sofrendo cortes sucessivos em seu orçamento, o que torna ainda mais árduo o trabalho de dirigi-la.

Segundo dados divulgados pela própria universidade, a redução orçamentária vem acontecendo desde 2015 e se intensificou nos últimos anos.

Há sete anos, o orçamento de custeio era de cerca de R$ 195 milhões, o que comparado com os R$ 153 milhões destinados em 2022 representa uma redução acumulada de 21%.

Na comparação dos últimos três anos, 2022 tem um orçamento um pouco maior do que o destinado em 2021 — foram R$ 128 milhões. Ainda assim, está em defasagem em relação a 2020 quando a verba era R$ 163 milhões.

A queda nos números, aliada aos constantes ataques do governo federal às próprias universidades, torna ainda mais importante o resultado das eleições que se aproximam para quem quer defender uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

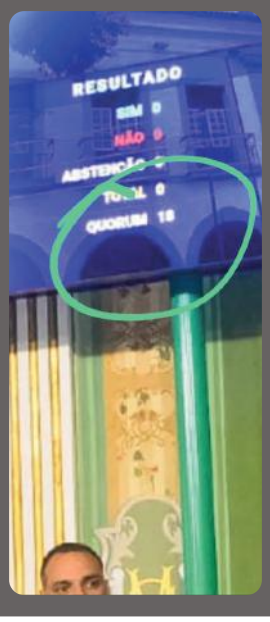
"Está em jogo muita coisa. Todo um projeto de resistência tocado nesses últimos anos. Enfrento essa campanha para seguir defendendo a ciência e a universidade que tanto foram atacadas nos últimos tempos", acredita Miguez, candidato da chapa 1.

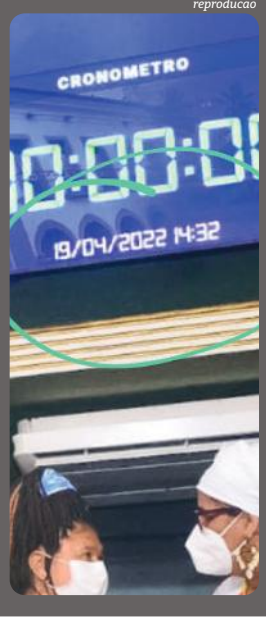
Revolta dos servidores

Os servidores da Câmara Municipal de Salvador ficaram revoltados com a postura do vereador Cláudio Tinoco (UNIÃO). Segundo os funcionários, Tinoco os acusou de beneficiarem o presidente da Casa, Geraldo Júnior (MDB), na sessão da última terça-feira. Eles ressaltaram que apenas cumpriram as obrigações profissionais e que devem se submeter às ordens da Mesa Diretora. Tinoco e Duda Sanches (UNIÃO) viraram os principais integrantes da tropa de choque do prefeito Bruno Reis (UNIÃO) contra Geraldo Júnior. A tropa ganhou o reforço de Kiki Bispo (UNIÃO), que reassumiu o mandato após deixar a secretaria de Combate à Pobreza.

Painel confirma quórum

reproducao





Apesar da reclamação do vereador Cláudio Tinoco (UNIÃO) de que na sessão de terça-feira não havia quórum para abertura, fotos obtidas pelo **Metro1** comprovam que houve número suficiente de legisladores no Plenário Cosme de Farias. Tinoco reclamou que se abriu a sessão na Casa Legislativa com apenas 10 parlamentares, apesar de o regimento interno determinar o mínimo de 14. Fotos do painel do plenário mostraram, no entanto, que haviam 18 vereadores quando a sessão foi aberta por Geraldo Júnior. Número então mais do que suficiente. A sessão de terça-feira foi marcada por confusão e ataques da base do prefeito Bruno Reis (UNIÃO) ao chefe do Legislativo soteropolitano.

Chapa mais feminina

Nesta semana, surgiram rumores de que a ex-vereadora de Salvador, Lorena Brandão, pode ser a candidata a vice-governadora na chapa de João Roma (PL). Aos aliados, Roma disse que a ex-legisladora é uma "excelente opção" para sua majoritária, mas a definição só deve ocorrer mais para frente. Sem prazo, tem dito ele. Antiga aliada do ex-prefeito ACM Neto (UNIÃO), Lorena Brandão perdeu a cadeira de Câmara de Vereadores na eleição de 2020. Foi, então, nomeada para uma secretaria na Casa Legislativa. Mas não foi só na eleição que ela fracassou. A ex-vereadora também perdeu espaço no seu partido, o PSC. O resultado é que ela acabou se filiando ao PL — legenda de Roma e do presidente Jair Bolsonaro — sem muito alarde. Caso Lorena seja confirmada como a vice, João Roma deve ter a composição majoritária mais feminista do pleito deste ano, já que a médica Raíssa Soares foi confirmada como a postulante a senadora.

reproducao

Possível estratégia

Pré-candidato do União Brasil a governador da Bahia, ACM Neto deu pistas nesta semana, em entrevista à **Rádio Metrópole,** de como pretende minimizar os danos por não ter uma âncora nacional. Além de sugerir que não precisa de um candidato a presidente da República para vencer as eleições, Neto criticou os adversários políticos por falarem mais dos padrinhos do que de si. "E depois da eleição, ganhe Lula, ganhe Bolsonaro, ganhe Ciro, Doria, qualquer um, são eles que vão governar a Bahia ou é o governador da Bahia?" A (in)direta do Neto foi para os candidatos com apoio de Lula e Bolsonaro, Jerônimo Rodrigues e João Roma, respectivamente.

kamille martinho/metropress

"Sem bandeirinha"

Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, o deputado estadual Adolfo Menezes (PSD), sem citar nome, alfinetou Marcelo Nilo (Republicanos), ex-presidente da AL-BA por 10 anos consecutivos. Menezes disse que, quando foi governador interino da Bahia, durante viagem oficial de Rui Costa (PT) e João Leão (PP), "não usou bandeirinha no carro". Nilo entrou no anedotário político por, ao assumir o cargo provisório, usar carro e a banderia da Bahia presa em hastes, da mesma forma que o governador eleito faz em seus deslocamentos pelas vias públicas. "Não usei. Tenho uma linha política mais comedida. Sou mais discreto", brincou, durante entrevista a Mário Kertész, na **Rádio Metropole**. Antes aliado do governo Rui Costa, Nilo fechou com o grupo de ACM Neto (UNIÃO) e está cotado para ser vice na chapa do ex-prefeito. Adolfo Menezes marcha com o grupo do PT, representado por Jerônimo Rodrigues (PT) e Otto Alencar (PSD), líder do seu partido.

Sai a arte, entra o tiro

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Em qual país do mundo onde a arte, a cultura, a música, o cinema e a indústria cultural são potências econômicas e não há investimentos do estado, diretos, ou indiretos, através de incentivos fiscais, via iniciativa privada? O tal do complexo de vira-lata, volta e meia aplicado aos brasileiros, metamorfoseia-se em várias formas. As mais comuns são os ohs e os ahs de deslumbramento dos viajantes brasileiros diante dos hábitos culturais dos estrangeiros. Ah, porque na Europa... Ah, porque nos Estados Unidos...

Aqui, aqui é o arranjo, o cacete armado, o improviso, o elogio ao armengue. E quem quiser que se vire, que o estado não é vaca leiteira nem teta para alimentar a arte e a cultura. Ou alimentar de arte e de cultura quem não nasceu herdeiro e não pode produzi-las ou consumi-las com recursos próprios. Políticas públicas para as artes? Onde já se viu, financiar parasitas, como passaram a ser considerados os artistas, com qualquer recurso público?

Quantas pessoas não têm a menor ideia do que sejam políticas públicas de fomento à cultura, não têm a menor ideia do que significam e de como funcionam mecanismos de renúncia fiscal como a Lei Rouanet e passaram a repetir, nos últimos quatro anos, como papagaios sequelados e monotemáticos, que atores, atrizes, cantores e cantoras, dramaturgos, humoristas, artistas plásticos, são todos vagabundos que passaram suas vidas mamando nas tetas do estado, através dessa lei?

Com a chegada do bolsonarismo ao poder, automaticamente todo e qualquer artista que não tenha se alistado nas fileiras de apoiadores foi automaticamente transformado em objeto de ódio. De Fernanda Montenegro aos novos talentos que, em muitos casos, nunca sequer submeteriam um edital para concorrer a alguma seleção de financiamento com renúncia fiscal. Em que momento os grandes artistas brasileiros foram convertidos em aproveitadores vulgares, caçadores de migalhas fiscais? De ídolos, muitos foram reduzidos a párias. Com a ajuda de pares, como Regina Duarte, metamorfoseada num espantalho grotesco urrando no poder público. Ou arremedos de atores, como Mário Frias, o secretário freak de cultura que foi a uma bienal internacional de artes homenagear Lina Bo Bardi sem saber quem era ela.

A máscara do show de horrores em que se transformou o Brasil oficial foi arrancada de vez na última terça-feira, quando circulou em sites, redes sociais e na imprensa um vídeo real, de teor inacreditável. Nas imagens, o até bem pouco tempo secretário nacional de Incentivo e Fomento à Cultura, André Porciúncula, responsável por analisar e aprovar propostas da Lei Rouanet, faz uma promessa insólita a uma plateia sedenta por armas. Sim, armas: revólveres, pistolas, armas de fogo.

ARMAS E PUTREFAÇÃO

"Pela primeira vez, vamos colocar dinheiro da Rouanet em eventos de arma de fogo, vai ser super bacana isso". O tal anuncia que o governo vai usar, da Cultura, R$ 1,2 bilhão para dois megaeventos voltados para criadores de conteúdo - em redes sociais, documentários, YouTube - sobre armas de fogo, estimulando o consumo pró-armas. "Estamos lançando agora, de linha audiovisual, que vocês podem usar para fazer documentários, filmes, webséries, podcasts, para quê? Para trazer a pauta do armamento dentro de um discurso do imaginário. Trazer filmes sobre o armamento, da importância do armamento para a civilização, a importância do armamento para garantir a liberdade humana".

Se você lê isso e conhece alguém que considera tudo isso normal, está na hora de fazer seleção natural das pessoas com as quais você se relaciona ou divide uma mesa de bar ou de restaurante. O Brasil não está doente. Está em estado adiantado de putrefação. E fiquem com essa informação para fechar o nariz: "o projeto do livro "Armas & Defesa: A História das Armas no Brasil" foi autorizado a captar R$ 421 mil e já arrecadou R$ 336 mil da Taurus, fabricante nacional de armas de fogo com sede no Rio Grande do Sul". Sim, são recursos da Lei Rouanet.

Caixinhas de pandora

Para coibir som alto em áreas públicas, cidades pelo Brasil tem criado legislação específica com cobrança de multa. Em Salvador, barulho é frequente em praias e bares

Texto **Luciana Freire**
luciana.santana@metro1.com.br

Em Salvador, quem vai à praia tem dificuldade para escutar o barulho do mar. Elas podem ser do tamanho de seu bolso ou até mesmo uma mala com rodinhas: as caixas de som definitivamente vão te incomodar.

O instrutor de Zumba, Henrique Pereira, 46 anos, conta que já passou por diversos embaraços. "Nas últimas vezes que estive no Porto da Barra para observar o pôr do sol, me incomodou muito a qualidade do som. Não é o tipo de música, mas a qualidade mesmo. Parece que todas estão ligadas em uma rádio AM de baixíssima qualidade, o som fica estridente é um som fritando", diz.

"No último feriado eu estive com minha família na praia e atrás da nossa mesa tinha uma galera com duas caixas de som, das grandes, de alça JBL Xtreme, conectadas um com outra e estavam num volume que me fez sentir dentro de uma balada. Não consegui conversar com as pessoas na minha mesa sem ter que gritar. Fomos embora mais cedo por causa disso", desabafa Henrique.

O responsável de produção automotiva, Antônio Santos, 28 anos, conta que prefere sair de Sussuarana, onde mora, para a Praia do Flamengo, justamente para fugir do barulho de Itapoã, Barra e Piatã. "É normal colocarem as temidas caixinhas de som, até mesmo em locais em que já se tem o som ao vivo, fazendo até 'guerras' de qual é mais alta e toca o melhor som. Infelizmente ficamos reféns, sem ter o que fazer, a não ser se retirar do local", lamenta.

O som alto nas praias é, na verdade, uma realidade em todo o país. Do Funk "proibidão" ao Sertanejo Universitário, passando pelo Axé à música eletrônica, diversas cidades estão criando legislação própria para coibir o barulho.

Um dos locais turísticos mais famosos do país, a cidade de Balneário Camburiú, em Santa Catarina, proibiu o uso de caixas de som de qualquer tamanho em locais públicos da cidade. Na cidade de Anchieta, no Espírito Santo, esses equipamentos sonoros não podem ser levados para as praias. Quem descumprir, pode ser multado em até R$ 1.950.

Uma lei mais antiga, de 81 anos, já pregava contra o abuso à ordem pública. O Artigo 42 do Decreto Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941, já deixa claro que "perturbar alguém, o trabalho ou o sossego alheios abusando de instrumentos

sonoros ou sinais acústicos" é crime com pena de prisão simples, de quinze dias a três meses, ou multa, de duzentos mil réis a dois contos de réis. A moeda brasileira já mudou para real e o mau hábito do barulho frenquente não foi coibido.

Salvador segue a Lei Municipal nº 5.354, de 28 de janeiro de 1998. Ela determina os níveis aceitos de decibéis (db): 70 db (7h às 22h) e 60 db (22h às 7h).

As caixinhas de som disponíveis no mercado geralmente medem entre 30 db e 130 db, podendo ultrapassar em muito o limite permitido. Segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo (Sedur) desde 1° de janeiro de 2022 até o último domingo, 17 de abril, 13.699 chamadas foram feitas por reclamação de som alto.

Neste período, 767 equipamentos sonoros foram apreendidos. Os bairros com mais denúncias são Itapuã, Pernambués, Rio Vermelho e Paripe. Ainda de acordo com o relatório da secretaria, carros particulares lideram a lista de denúncias, seguidos por restaurantes e boates. As residências aparecem em terceiro lugar.

LEGISLAÇÃO

A advogada Carolina Curi explica que o excesso de barulho, para além de uma questão puramente de saúde, é também questão de ordem pública.

"Acredito que toda essa regulamentação seja pelo fato de que a poluição sonora acabou por transformar-se num grave problema de saúde pública e segurança no Brasil. Em muitos casos, o bom senso deixou de prevalecer e muitas pessoas exorbitam os limites da razoabilidade e respeito ao próximo criando conflitos. O exemplo clássico da atualidade é o uso das caixinhas de som bluetooth que são facilmente carregadas para todos os lugares e com capacidade de decibéis suscetível de causar incômodo e poluição sonora em qualquer lugar".

Ainda segundo Curi, "desde a regramentos no âmbito federal, diversos estados e municípios vêm adotando leis próprias com a finalidade de coibir / educar a população quanto a poluição sonora.

No estado da Bahia, por exemplo, podemos citar a lei estadual número 12.803/13 que dispõe sobre o uso de aparelhos sonoros ou musicais no interior dos transportes coletivos intermunicipais.

Em 2022 faz dez anos da aprovação do Projeto de Lei que proíbe som em ônibus da capital baiana. Criado pela vereadora Andrea Mendonça (PV) o Projeto tinha a co-autoria do vereador Isnard Araújo (PR). Segundo Andrea, ela resolveu propor o PL depois de receber apelos da população.

À época já existia a dúvida: como a Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo (Sucom) vai fazer para cumprir a Lei? Dez anos depois, procurada pelo **Jornal da Metropole**, a Sedur afirma que não possui dados de ações envolvendo a violação dos decibéis permitidos nos ônibus de Salvador.

Enquanto a lei dos ônibus não é cumprida, quem sofre nas praias pede uma ação emergencial.

"Acho que está fora de controle. O que estamos vendo nas praias de Salvador são quatro ou cinco caixas de som ligadas ao mesmo tempo em volume alto e você não consegue conversar e nem ouvir nenhuma das músicas. Penso que não deveria ter uma regulamentação em cima das caixas, mas sim a proibição com fiscalização principalmente em locais turísticos", opina Henrique.

70

decibéis é o limite sonoro permitido em Salvador, das 7h às 22 horas

ENTREVISTA

Jerônimo Rodrigues

PRÉ-CANDIDATO AO GOVERNO DA BAHIA (PT)

kamille martinho/metropress

Com larga experiência nos bastidores da política, Jerônimo Rodrigues estreia este ano em uma eleição majoritária. Ele foi o escolhido para liderar a sucessão do PT, há 16 anos à frente da Bahia. Em entrevista presencial a Mário Kertész, na **Rádio Metropole**, o petista defendeu o grupo do qual faz parte, capitaneado pelo ex-presidente Lula.

"Nós temos orgulho de falar do nosso time, que ainda tem o governador Rui Costa, o senador Jaques Wagner, o senador Otto Alencar. Somos um time forte e parte de um grupo. Tem gente que não quer dizer que grupo faz parte. Nós, não. Temos orgulho", disse, alfinetando seu principal adversário na disptuta, ACM Neto (UNIÃO).

Jerônimo também enalteceu seu conhecimento sobre a Bahia e aproveitou para criticar o ex-prefeito de Salvador. "Eu posso dizer que conheço o estado. Viajei a Bahia toda. Conheço o problema do povo de perto, diferente de uns e outros que só estão conhecendo agora. A relação é diferente e o povo sabe", disse.

O pré-candidato ao governo elogiou a parceria feita entre seu partido e o MDB, por meio do presidente da Câmara de Vereadores, Geraldo Júnior. As duas siglas reditam a mesma casadinha de governador e vice de 2006, quando Jaques Wagner e Edmundo Santos encabeçaram a chapa vitoriosa que derrotou o carlismo.

"É o casamento entre a capital e o interior. Vim do interior do estado, da cidade Aiquara. Geraldinho vem de Salvador. Ele conhece muito por aqui e eu da Bahia, como um todo. Então, estamos muito fortalecidos neste quesito", brincou.

RESPOSTA A BOLSONARO

O ex-secretário de Educação também aproveitou a entrevista para responder uma provocação feita pelo presidente Jair Bolsonaro (PL). Em entrevista à TV Aratu, o presidente disse que o petista era o "pior secretário de Educação do Brasil".

Jerônimo ironizou. "O pessoal me perguntando: 'presidente falou de você ontem'. Então, o presidente já me conhece? Felizmente, ele não teceu elogios a mim. Quando ele tece elogios a mim pode ficar parecendo que a gente se confunde com as pessoas", debochou.

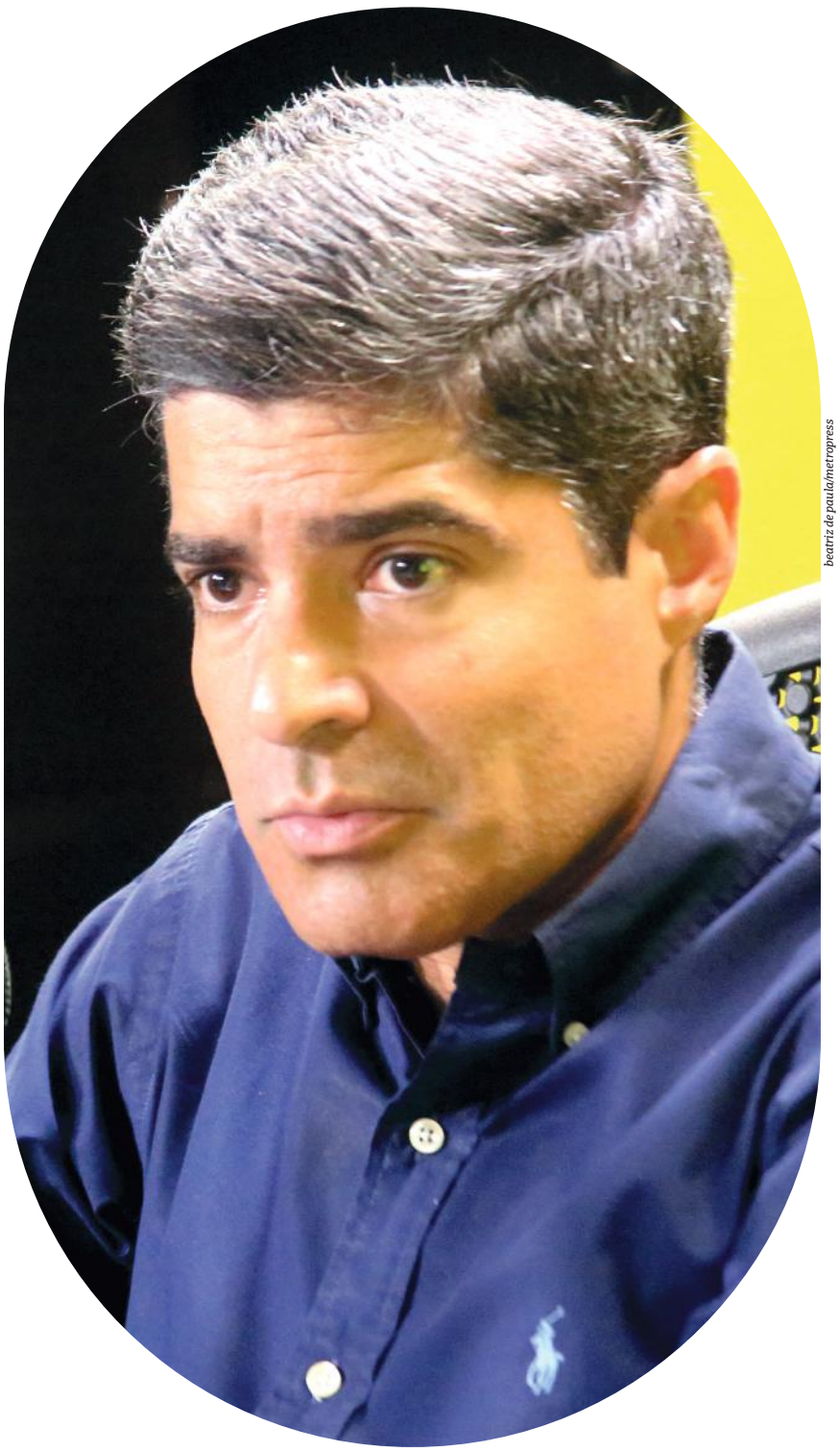
O petista ressaltou ainda que o governo da Bahia não tem recebido recursos federais, além dos que são obrigatórios por lei.

"Eu fiquei três ano na Educação, uma pasta importantíssima. Nós não tivemos um centavo a mais do governo federal. Não teve um programa novo. Nós sofremos muito. Tudo que estamos fazendo na educação: R$ 3,5 bilhões em infraestrutura, R$ 4 bilhões em pagamento de salário, custeio, formação de professores, é recurso do governo do estado", disse.

ENTREVISTA

ACM Neto

PRÉ-CANDIDATO A GOVERNADOR DA BAHIA (UNIÃO)



beatriz de paula/metropress

Pré-candidato ao governo da Bahia pelo União Brasil, ACM Neto fez duras críticas ao PT durante entrevista concedida a Mário Kertész, no estúdio da **Rádio Metropole**. O ex-prefeito de Salvador disse que o governador Rui Costa (PT) arruma desculpas para se eximir de importantes questões como Segurança Pública e Educação.

"A Bahia tem quatro das 10 cidades mais violentas do país. Esse jogo a gente não vai mudar sem uma mudança de postura do governador. Com todo respeito, o ex-governador Jaques Wagner e o atual governador Rui Costa não encararam o problema da violência de frente. Eu vi o governador dizendo, esses dias, que o problema era internacional. Pelo amor de Deus! Não estamos na Ucrânia, onde uma guerra sangrenta e odiosa mata pessoas. Estamos na Bahia. Precisamos encarar isso. E não inventar desculpas", disse.

Sobre o ensino público, pasta comandada pelo seu adversário Jerônimo Rodrigues nos últimos anos, ACM Neto listou uma série de problemas.

"Os prefeitos ficam abandonados. Precisa haver uma política ampla, que interligue a educação e pense de forma conjunta o estado. Nossa educação sofre com números baixos no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que aponta a Bahia como a pior do Brasil".

Neto também aproveitou para criticar Jerônimo pelo que classificou de "uso excessivo" do principal aliado, o ex-presidente Lula.

"Não preciso estar ali apaixonadamente defendendo um padrinho político. Ou buscando nesse padrinho político uma bengala, como se futuramente a Bahia fosse governada pelo padrinho de A, B ou C. A Bahia será governada pelo próximo governador", afirmou.

POLÍTICA NACIONAL

Questionado por Kertész sobre a corrida ao Palácio do Planalto, o ex-prefeito disse que não há candidato ideal na disputa e que o embate se dará entre "quem tem menos rejeição".

"Vai ser uma eleição das disputas das rejeições. Vai vencer essa eleição no segundo turno, porque acredito que vá para o segundo turno, quem tiver menos rejeição. Vamos ficar atentos quem vai falar mais bobagens e quem vai falar menos bobagens. Vamos observar quem vai errar menos. Se esse quadro de polarização se mantiver, vamos ver quem tem menos rejeição entre Lula e Bolsonaro. E a gente sabe que o eleitor, muitas vezes, vota no menos pior".

ACM Neto tem pregado uma eleição 'solteira', sem apoiar nenhum candidato à Presidência na Bahia. Seu partido tem se inclinado para lançar Luciano Bivar ao Planalto, mas Neto prega cautela.

"Eu não sou um cara do extremo. Não sou um cara do radicalismo. Eu pretendo me fazer ouvido, colocar as minhas ideias, chamar a atenção com meu estilo, um estilo aberto ao diálogo", pontua.

O GOVERNO DO ESTADO REALIZA O MAIOR INVESTIMENTO DA HISTÓRIA DE SALVADOR.

Ninguém para a minha Bahia.

Nos últimos anos, o Governo do Estado realizou o maior investimento da história de Salvador. E a nossa capital segue recebendo obras que transformam a vida das pessoas. E vem muito mais por aí. Porque na Bahia é assim: aqui tem Governo tamanho G, que cuida de gente.

- LIGAÇÃO LOBATO-PIRAJÁ
- 82 ENCOSTAS EM SALVADOR
- R$ 675 MILHÕES PARA O BOLSA-PRESENÇA
- NOVA MATERNIDADE DO SUBÚRBIO

E vem aí:

- METRÔ CHEGANDO ATÉ CAJAZEIRAS
- 7 NOVAS ESCOLAS EM CONSTRUÇÃO
- NOVA RODOVIÁRIA
- PONTE SALVADOR-ITAPARICA
- VLT DO SUBÚRBIO.